

Ruptura à vista na política externa americana?*

Paulo Gorjão

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

A possibilidade de Donald Trump poder vencer as eleições presidenciais americanas tem vindo a gerar preocupação junto dos aliados dos Estados Unidos. Como referi num artigo anterior, Trump parece ter “um claro instinto de natureza isolacionista”.¹

Naturalmente, a ser verdade e na ausência de um qualquer contrapeso, tal poderá gerar pontos de ruptura. Como destacou igualmente Luís Amado num outro artigo, essa “dinâmica isolacionista, que não é património exclusivo do partido republicado e do candidato Trump, (...) põe em causa, pela primeira vez, os fundamentos da Aliança Atlântica nos termos em que a liderança americana a assumiu, sem qualquer reserva ou ambiguidade, durante quase 70 anos”.² Quer isto dizer que poderá estar à vista uma ruptura na política externa americana?

Antes de responder a esta questão, importa notar que a preocupação aliada com o candidato republicano não se resume à sua eventual natureza

isolacionista. Ao longo dos últimos meses, por diversas vezes Trump fez declarações sobre política internacional ou sobre política externa americana que revelaram o seu desconhecimento e uma visão muito simplista sobre essas matérias. O candidato republicano, por exemplo, admitiu entrar em negociações com o líder norte-coreano, Kim Jong-un, e sugeriu que a Coreia do Sul e o Japão poderiam ter de desenvolver arsenais nucleares. Mais importante, do ponto de vista europeu, Trump declarou que a NATO estaria obsoleta e a necessitar de uma grande reconfiguração. A lista de exemplos, note-se, poderia continuar.

Perante tudo isto, Hillary Clinton tem vindo a fazer o óbvio, puxando pelos seus galões de antiga secretária de Estado e acusando o candidato republicano de não ter uma doutrina de política externa minimamente coerente.³ Será mesmo assim?

Naturalmente, por razões óbvias, a candidata democrata tem todo o interesse em acentuar o desconhecimento e a visão simplista de

1 Paulo Gorjão, “Portugal e as eleições americanas” (*Sábado online*, 20 de Abril de 2016).

2 Luís Amado, “A outra América” (*Sábado online*, 19 de Maio de 2016).

3 Amanda Becker e Doina Chiacu, “Battling to hold off Sanders, Democrat Clinton to assail Trump on foreign policy” (Reuters, 1 de Junho de 2016).

Trump, em claro contraste com o seu domínio de questões de política internacional e de política externa americana. Porém, nada disso é particularmente grave. O candidato republicano não é seguramente o primeiro que concorre a eleições presidenciais americanas com um domínio pouco polido dessas matérias. Em teoria, trata-se de um handicap que se poderá resolver mais à frente com uma boa equipa de assessores e com uma administração competente.

Quanto ao eventual instinto de natureza isolacionista de Trump, a existir como é evidente acabará por se fazer sentir ocasionalmente. Dito isto, enquanto princípio condutor da política externa americana, o isolacionismo é um luxo que não está ao alcance dos Estados Unidos.

Estejamos, pois, tranquilos. Caso Trump vença as eleições presidenciais americanas, não haverá certamente uma grande ruptura na política externa americana. Os Estados Unidos sob a sua liderança não prescindirão da sua posição dominante no sistema internacional e quererão certamente manter a sua hegemonia. Arriscaria até

dizer que o traço dominante da sua política externa será o da continuidade e não o da ruptura.

No fundo, tal como Barack Obama, o candidato republicano nada mais faz do que reconhecer no actual contexto internacional os limites do poder americano. A sua eventual pulsão isolacionista não é mais do que uma forma de conservar a força americana no sistema internacional. Na verdade, mais do que uma pulsão isolacionista, Trump revela traços do que poderá vir a ser uma política externa americana resistente perante o intervencionismo. No fundo, o candidato republicano reconhece que o declínio resulta da exaustão e do sobredimensionamento. Nessa medida, talvez ainda numa formulação tosca e populista, Trump não faz mais do que admitir os limites do poder americano. Olhando para as linhas gerais da política externa de Obama, de certa forma não foi também a isso que assistimos?

* Artigo publicado originalmente na revista *Sábado* online (3 de Junho de 2016).

IPRIS

Comentário

57

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança
(IPRIS)
Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa
PORTUGAL

<http://www.ipris.org>
email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.
As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não reflectem necessariamente as opiniões do IPRIS.